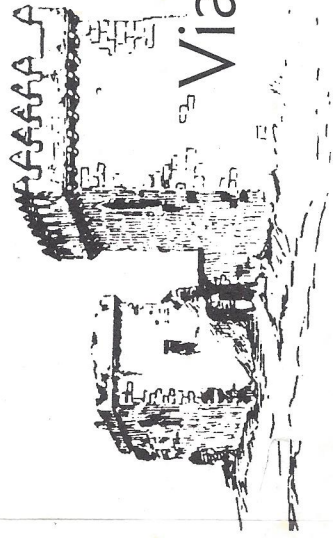


# O Medieval e o Moderno em Loures



Viagens pelo Património



# Arqueologia



Museu Municipal de Loures

Quinta do  
Conventinho

Museu Municipal de Loures

# O Medieval e o Moderno em Loures

## Viagens pelo Património

Exposição de Arqueologia

15 de Junho a 21 de Novembro de 1999



Câmara Municipal de Loures



A exposição *Medieval e Moderno em Loures. Viagens pelo Património* integra-se numa perspectiva de trabalho que visa a valorização de um património cujo legado alicerçou, ao longo do tempo, um conjunto de referências culturais, sociais e económicas, que formataram este território e as suas gentes.

É toda essa dinâmica de interacção que importa conhecer. Quem, como e por quê são as interrogações de quem tem a curiosidade natural de conhecer um pouco mais sobre este território.

Quem por cá passou. Como estruturou o seu quotidiano e com que enquadramento. Por que o fez assim. São questões sobre as quais nos vamos debruçando, estabelecendo assim um percurso através do qual é possível identificar os aspectos mais marcantes deste território.

Não se trata de criar realidades virtuais, supostamente com o objectivo de dar conteúdo a um discurso que hoje é politicamente correcto, mas sim de investigar, conhecer e divulgar as dinâmicas que se entrecruzaram neste território.

## Dinâmicas e percursos

Somos uma autarquia preocupada com este património. Queremos desvendá-lo, sobretudo junto dos mais jovens, que têm sido o nosso público privilegiado, proporcionando-lhes assim uma viagem pela nossa memória colectiva.

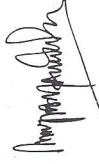
Desejamos estimular não só a curiosidade perante o património, mas também a compreensão da sua importância na formulação da nossa identidade.

É todo um discurso construído em torno do património, mas que reflecte igualmente a preocupação de estabelecermos uma relação de interacção com a comunidade.

Milhares de jovens têm sido envolvidos nestes objectivos, nomeadamente por via dos projectos e iniciativas vocacionados para a temática do património e protagonizados pela comunidade educativa e pela Câmara Municipal de Loures.

É por isso com natural satisfação que abrimos esta exposição ao público, não esquecendo, porém, o trabalho de todos quantos contribuíram para a sua realização. Para eles, o nosso reconhecimento.

O vereador



Rui José Martins Pinheiro



A abordagem do presente catálogo, corpo científico da exposição patente no Museu Municipal de Loures, permitirá descobrir um novo território de registos e informações quanto a esta dimensão do património: **o de se constituir como o lugar de ontem e de hoje.**

O alargamento progressivo do conteúdo do conceito de património veio permitir, num mundo de conflitos e de destruições, de indefinições e angústias, abarcar, numa só palavra, uma dimensão mais ampla e humana do que efectivamente consegue contemplar o **aqui** e o **ontem** do património. Falar de património nesta exposição, é considerar os sucessivos registos de tempos e vivências, de sedimentação da história, e considerar não apenas o património edificado mas o território, com uma diversidade e coerência.

Trata-se de assumir, neste museu, espelho de uma política cultural integrada e integradora, a **realidade humana** e a **dinâmica social.**

Pusemos de lado os demasiados estreitos conceitos do património estético e convergimos para o **território das pessoas.**

A arqueologia, o edifício ou registo de arquitectura, mais ou menos monumental, mais ou menos erudito ou popular, entram nesta exposição, numa abordagem expositiva que pretende apresentar o território – Loures – como um palco onde várias gerações de pessoas viveram, morreram ou continuaram, em registos que hoje, como que num muro sucessivamente reconstruído, chegou aos nossos dias, com esta dimensão de **património, herança de família.**

A exposição tem objectivos: a patrimonialização pode ser também uma estratégia para dar à cidade, aos novos aglo-

merados urbanos, uma identidade, reforçar ligações sociais.

Recusam-se saudosismos: este património, mesmo quando do passado, tem uma força de futuro, um direito a ter lugar, porque se reconhece à arqueologia e ao vestígio edificado uma dupla existência patrimonial, a de **reconstituir**, a de **referenciar.**

Muitas vezes, a Igreja, porque aberta (teoricamente), tem uma exploração primordialmente religiosa – a sua função primeira.

É numa outra função que no Museu Municipal, e nesta exposição, se convida este tipo de património a enfileirar com a reconstituição do falado Paço Real de Frias, a seguir os vestígios romanos, as estelas funerárias, existentes em Loures, e ver desenharem-se caminhos e lugares que ao longo dos últimos séculos foram dando corpo e identidade ao território, reforçamos, das pessoas de Loures.

Finalmente, a exposição, estratégia de divulgação e comunicação, veio permitir a dimensão colectiva da elaboração e da respectiva difusão do património apresentado.

O discurso resultante, espera-se, terá a visão da comunidade sobre si própria, um trabalho último de relação com o património. O seu.

O Museu, a exposição, é apenas um momento, um local, presentes para o efeito.

Sinais inequívocos do tempo. Propostas.

Abertura de novos espaços para o discurso patrimonial.

Descoberta de uma história, subterrânea e escondida para o município menos desperto para o saber antigo (arqueologia),

## O Território dos Homens

Ana Paula Assunção\*

com tudo isto, como factor justificativo se desenvolveu e escreveu o discurso expositivo.

Reforçamos:

**“A mais alta virtude do património não é a de nos**

**relembrar a nossa diferença ou a nossa condição mortal, mas de nos inscrever, registar em um território e um tempo que são para todos, aqueles de ontem e aqueles de hoje.”** (1)

\* *Historiadora e Museóloga,  
chefe de Divisão do Património  
Cultural da C. M. Loures*

#### Nota

(1) BÉGHAIN, Patrice, *Le Patrimoine, Culture et lien social*. Presses de Sciences PO 1998, Paris, p. 110.



- 13 A Toponímia e o povoamento moçárabe, árabe e islâmico na região de Loures  
*Carlos Guardado da Silva*
- 21 Frias Medieval  
*Pedro Gomes Barbosa e António Balcão Vicente*
- 37 Cabeceiras de sepultura do concelho de Loures  
*Ana Cristina Oliveira*
- 41 Cerâmicas Modernas da Quinta do Conventinho  
*Ana Raquel Silva e Manuela de Deus*
- 47 Património Edificado do concelho de Loures  
*Ana Cristina Oliveira, Ana Raquel Silva e Florbela Estêvão*
- 69 Continuando a olhar por Loures  
*Francisco de Sousa*
- 71 Bibliografia Geral
- 75 Glossário
- 79 Catálogo

## Índice

## **Ficha Técnica**

### **Edição**

Museu Municipal de Loures  
Departamento Sócio-Cultural  
Divisão do Património Cultural  
Câmara Municipal de Loures

### **Investigação e textos**

Ana Cristina Oliveira  
Ana Raquel Silva  
Florbela Estêvão  
Ana Paula Assunção  
Francisco Sousa

### **Colaborações externas**

António Balcão Vicente  
Carlos Guardado Silva  
Maria Manuela de Deus  
Pedro Gomes Barbosa

### **Coordenação técnica da edição**

Divisão de Informação e Relações Públicas  
Área de Artes Gráficas

### **Concepção gráfica e paginação**

Mário Caeiro

### **Composição**

Vera Estêvão dos Santos

### **Revisão de textos**

Jorge Reis Amado

### **Tiragem: 1000 exemplares**

### **Impressão**

IAG – Artes Gráficas Lda.

### **Depósito Legal nº 139108/99**

### **Agradecimentos**

Agradecem-se as colaborações de Jorge Silva, do Gabinete de Apoio à Juventude de Camarate e da Congregação das Servas de Nossa Senhora de Fátima.



Fig. 3

Perspectiva da localização do cemitério medieval e moderno do adro da igreja matriz de Frielas



## Cerâmicas modernas da Quinta do Conventinho

Ana Raquel Silva \*

Manuela de Deus \*\*

Fig. 4

Perspectiva da localização do cemitério medieval e moderno do adro da igreja matriz de S. Julião do Tojal

\* Arqueóloga

do Museu Municipal de Loures

A existência de um Convento Franciscano, do Espírito Santo, com hospício e cerca, situado em Loures desde o século XIII é referida por alguns autores (P<sup>o</sup> Álvaro Proença e Joaquim J. da Silva Mendes Leal). Os terramotos da década 30 do séc. XVI terão sido os responsáveis pela sua destruição, a qual não terá sido total pois, no início deste século, ainda eram visíveis troços dessa cerca.

Este convento situar-se-ia à entrada de Loures, num largo junto ao antigo posto de fiscalização da polícia de trânsito; este largo, actualmente chamado Largo José Paulo Oliveira, terá tido, já, o nome de Largo do Espírito Santo. Presentemente, não são visíveis quaisquer vestígios relativos a este convento.

Na verdade, não existem certezas quanto à sua existência. De concreto, sabe-se que na década de 70 do séc. XVI foi construído o Conventinho da Mealhada, da Ordem dos Franciscanos Arrábidos, em terrenos pertencentes a D. Luís de Castro do Rio; foi o 13<sup>o</sup> da Ordem dos Arrábidos e chamou-se Convento do Espírito Santo.

O Convento recolheu esta ordem religiosa até ao séc. XIX, altura em que se assistiu à transferência dos bens da Igreja para as mãos do poder político; num leilão, foi adquirido por Costa Cabral, que o transformou numa quinta para habitação. Assim serviu, passando por vários donos, até que, em meados da década de 90 deste século, a quinta foi adquirida pela Câmara Municipal de Loures.

Actualmente, na Quinta do Conventinho funciona o Museu Municipal de Loures.

A Quinta do Conventinho está localizada na freguesia de Santo António dos Cavaleiros (fig. 1), concelho de Loures, e o acesso faz-se por um caminho do lado direito da Estrada Nacional n<sup>o</sup> 8, que liga Loures a Ponte de Frielas.

A Quinta está implantada na vertente este da serra de Montemor, nos terrenos de basalto do "complexo vulcânico de Lisboa", a uma cota que varia entre os 30 e 50 m. Sobranceira aos terrenos da várzea de Loures, localiza-se na margem esquerda da ribeira da Póvoa, próximo da sua junção com a ribeira de Loures.

No âmbito do acompanhamento das obras de remodelação da Quinta para aí ser instalado o Museu Municipal, foi necessário proceder a trabalhos arqueológicos, no Verão de 1997.



Na sequência do derrube de um dos muros exteriores da Quinta (fig. 2 A), de modo a facilitar a entrada dos camiões para carregamento de entulho, foram identificadas, no corte, três áreas de concentração cerâmica e alguns ossos animais. Foram recolhidas cerâmicas, ossos de animais domésticos e uma moeda. Em função desta descoberta, foram realizadas três sondagens na área não edificada junto ao muro derrubado (fig. 2 A).

Das três sondagens, apenas uma — a sondagem 1 — forneceu uma quantidade considerável de material e um corte estratigráfico legível e com informação arqueológica. Ainda assim, e pela homogeneidade da cerâmica, as várias camadas identificadas não terão grande significado em termos cronológicos.

As camadas arqueológicas identificadas nas três sondagens não permitem distinguir momentos diferentes de utilização desta área, à excepção da camada 04 da sondagem 1; devido às conchas e carvões aí encontrados, poderá corresponder a um momento específico de despejo de restos alimentares. É de notar a ausência de estruturas, quer no corte do muro, quer nas sondagens. Por esta razão, mas também porque não foi possível encontrar nas sondagens a continuação das manchas de cerâmica existentes no corte do muro — nas três sondagens, atingiu-se o nível de desagregação da rocha — e, igualmente, por circunstâncias da obra, deram-se por terminados os trabalhos arqueológicos.

No conjunto de espólio recolhido, predominam as cerâmicas, apresentando três proveniências (fig. 2 A, B, C): o corte deixado pelo derrube do muro (as cerâmicas não foram recolhidas na totalidade, apenas uma amostra), as três sondagens e junto a um muro interior da quinta (neste caso, apenas foram recolhidos seis fragmentos).

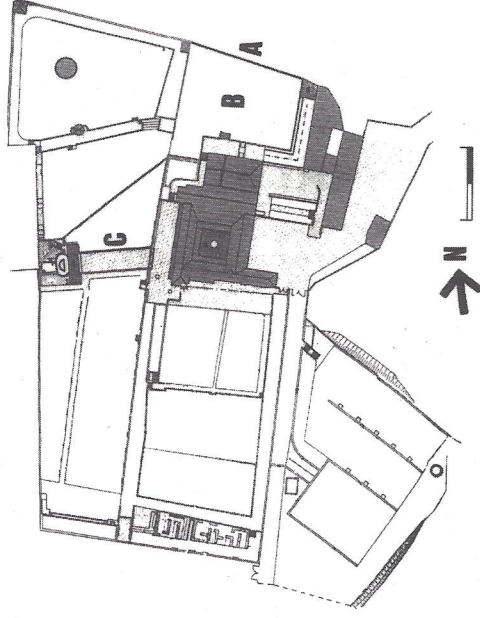


Fig. 2  
Planta da Quinta do Conventinho.  
A: muro derrubado;  
B: área das sondagens;  
C: muro interior

Na página anterior:  
Fig. 1  
Localização da Quinta do Conventinho  
(C.M.P. f. 417, 1993)

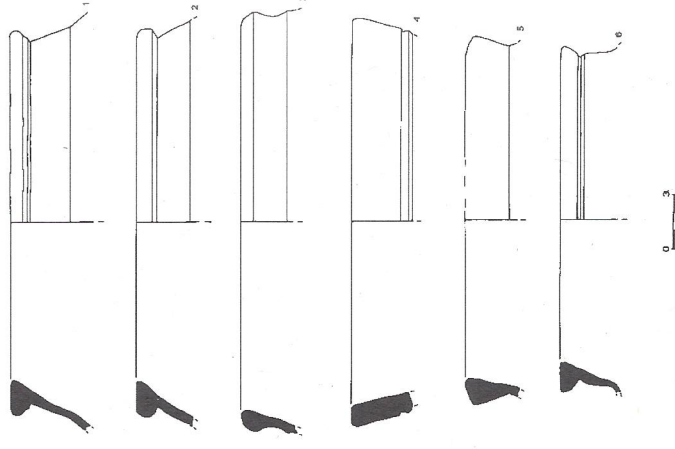


Fig. 3:  
Painelas

Distinguiram-se as seguintes formas: painelas, frigideiras, taças, testos, alguidares, cântaros ou bilhas, caçarolas, fogareiros, pratos e candeias.

Predomina a cerâmica comum, existindo um grupo de cerâmica vidrada, de cores verde, melado e branco.

Em escavação, foram recolhidos, igualmente, sete fragmentos de faiança e alguns fragmentos de azulejo.

Entre as painelas, forma dominante, é notória uma grande homogeneidade, tanto a nível dos bordos (figs. 3. 1-6; 4. 7-10) — planos, de secção rectangular ou sub-rectangular —

— como das asas, em fita e arrancando sempre do bordo ou colo. Destacam-se alguns fragmentos com asas horizontais, arrancando do bordo mas, mais frequentemente, do bojo da

peça (fig. 4. 11) e que têm como paralelos, algumas cerâmicas do Convento de Santa Clara, em Moura (REGO, MÂCIAS, 1993: 150, 159) e de Palmela (FERNANDES, CARVALHO, 1998: 216-7, 235-6). Há, claramente, uma manufatura das formas da Baixa Idade Média, como se pode verificar pela secção dos bordos, mas também pelas semelhan-



Fig. 2  
Planta da Quinta do Conventinho.

- A: muro derrubado;
- B: área das sondagens;
- C: muro interior

Na página anterior:

Fig. 1

Localização da Quinta do Conventinho  
(C.M.P., f. 417, 1993)

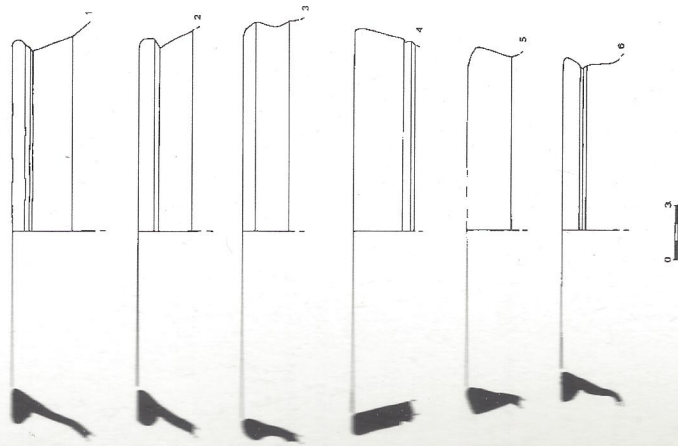


Fig. 3:  
Painéis

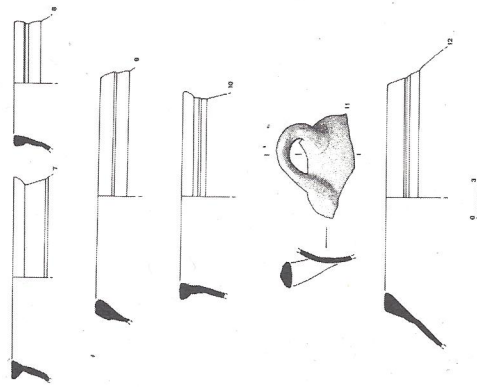


Fig. 4:  
Painéis

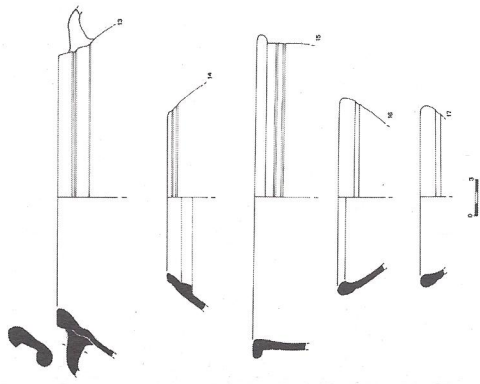


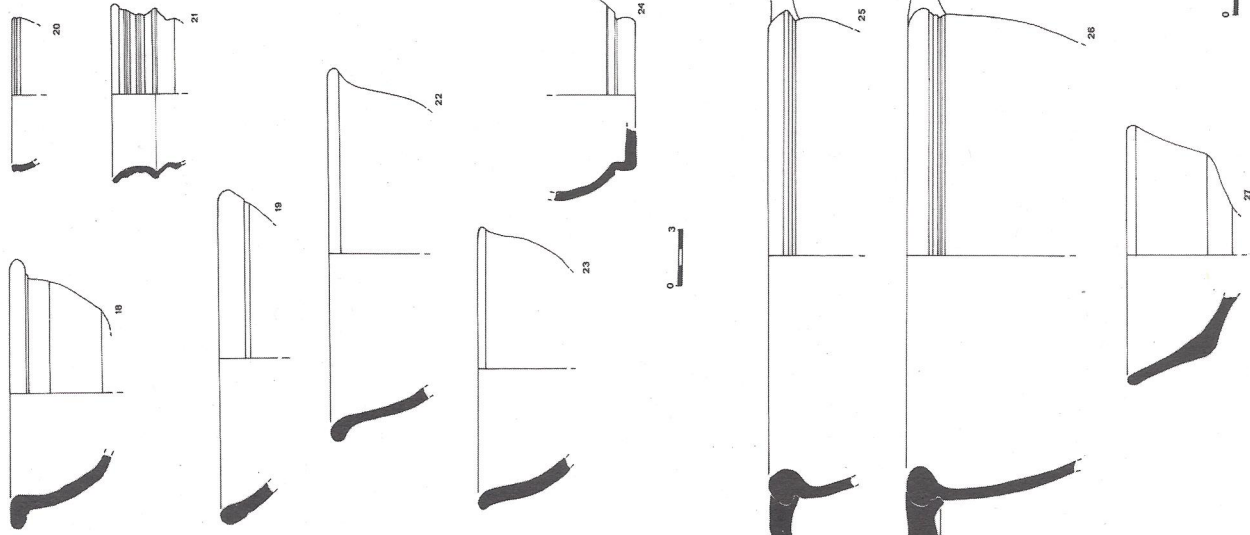
Fig. 5  
13-14: Painéis; 15-17: Taças

ças morfológicas com painéis recolhidas em Lisboa (DIOGO, TRINDADE, 1998: 260, 264), em contextos de finais do séc. xv, inícios do xvi (figs. 4.12; 5.13-14). Os diâmetros dos bordos (as painéis foram identificadas a partir de fragmentos de bordos, asas e um fundo, ainda que duvidoso) variam entre 7,6 cm e 34,8 cm – os diâmetros bocais apresentados são interiores. Apenas um fragmento de bordo apresenta as superfícies cobertas por um vidrado melado (fig. 5.15).

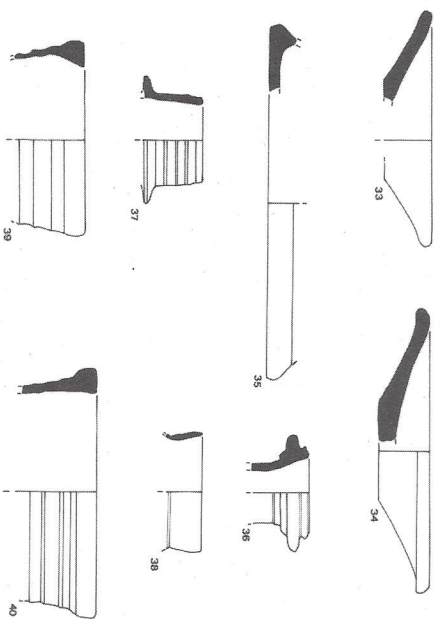
Denotando uma grande variedade de tamanho – o diâmetro bucal varia entre os 13 cm e 47 cm –, não só a nível do diâmetro do bordo mas também da pega, são as frigideiras. Apresentam bordos redondos, espessados exteriormente e pegas triangulares, que partem dos lábios (fig. 7.25-26). As frigideiras com os diâmetros superiores a 40 cm podem ser sinal das necessidades convencionais de loiça de grandes dimensões.

O grupo das taças/figelas – pertencente à loiça de mesa – é, a nível formal, homogêneo. De bordos redondos, apresentam um sulco ou ligeira carena abaixo do bordo (figs. 5.16-17; 6.18-19). Destacam-se dois fragmentos de bordo, de pequenas dimensões, muito possivelmente, de tacinhas (fig. 6.20-21). As taças que apresentam uma superfície vidrada podem ter, ou não, carena abaixo do bordo, mas têm-na no baixo bojo, junto ao fundo.

As taças vidradas são verdes, na totalidade ou apenas no exterior, apresentando o interior melado (fig. 6.22-24). Um outro grupo são os vidrados brancos, no qual existem duas taças com perfil quase completo (figs. 7.27; 8.28). Em escavação, foi recolhido um fragmento de bordo com pega em todo o diâmetro, de vidrado melado (fig. 8.29), que poderá corresponder a uma escudela. Independentemente



do tratamento das superfícies, todos os fundos, aparentemente de taças, parecem ser de pé em anel (fig. 8, 30-31). Com razoável expressão são os testos (ou tampas), embora não sejam relacionáveis com nenhum recipiente em especial. Variam no diâmetro, apresentando, no entanto, alguma homogeneidade formal (figs. 8, 32; 9, 33-35). Os alguidares são formas com uma larga diacronia de utilização (fig. 10, 42-45). São, normalmente, recipientes de dimensões relativamente grandes. Apenas se recolheram fragmentos de bordo, cujo diâmetro bucal varia entre



26,4 cm e 60,4 cm. Mostram espessamento externo ou secção em forma de aba descida. Em relação ao acabamento exterior, apresentam-se três fragmentos com vidro, dois de cor melada e um verde.

Um outro conjunto de formas é constituído pelas bilhas e/ou cântaros. Distinguiram-se as bilhas, de bucal e colo estreitos (os diâmetros variam entre os 3 cm e 5,4 cm), abrindo para um corpo de peça bojudo (fig. 9, 36-38), dos cântaros, com bucal mais largo (entre os 7 cm e 10 cm), provavelmente com duas asas (fig. 9, 39-41). Alguns fragmentos de fundo recolhidos parecem apontar para esta forma cerâmica, no entanto, são apenas hipóteses. Estes recipientes serviriam para o transporte e armazenamento de água.

Os recipientes para ir ao lume, juntamente com as panelas, eram as caçarolas. Muito possivelmente com duas asas, apresentam os bordos arredondos, espessados internamente (fig. 11, 46). Destaca-se, neste pequeno grupo de recipientes, um fragmento de bordo, com arranque de asa, com um elemento plástico — um mamilo? — no topo do bordo (fig. 11, 47). Formas pouco representadas são os fogareiros, pratos e candeias.

Das duas últimas, apenas se recolheu um pequeno prato e um fragmento de bico de candeia. O pequeno prato é carenado, logo abaixo do bordo, e tem o fundo em ônfalo. Apresenta um diâmetro bucal de 8,8 cm (fig. 11, 48).

Os fogareiros estão representados por, pelo menos, dois fragmentos de fundo e dois bojós (fig. 11, 49-50). São formas que, à semelhança dos alguidares, perduram no tempo, o que dificulta a sua atribuição cronológica. Destaca-se um dos bojós, não só pelas dimensões reduzidas, mas também pela decoração a bandas pintadas a branco sobre a pasta clara.

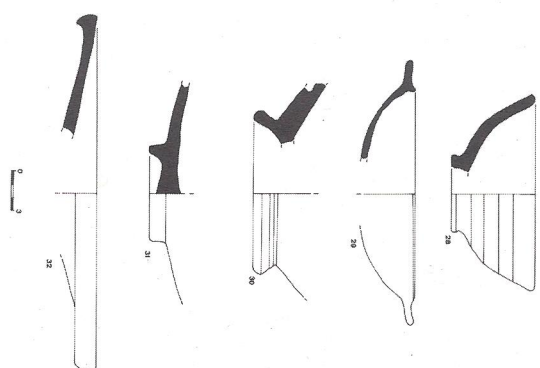


Fig. 8  
28-31: Taças; 32: Testo

na página anterior:  
Fig. 6  
Taças

Fig. 7  
25-26: Frigideiras; 27: Taça

Fig. 9  
33-35: Testos; 36-38: Bilhas;  
39-41: Cântaros

Fig. 10  
Alguidares

Fig. 11  
46-47: Caçarolas; 48: prato; 49-50:  
Fogareiros; 51: Forma indeterminada

\*Arqueóloga — Museu Municipal de  
Loures  
\*\*Arqueóloga — Instituto Português de  
Arqueologia

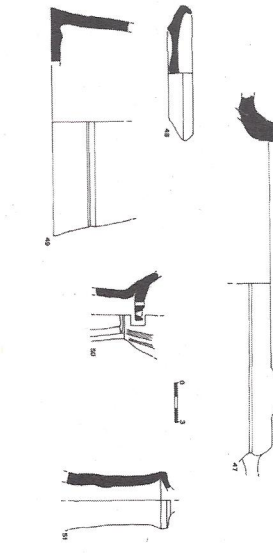
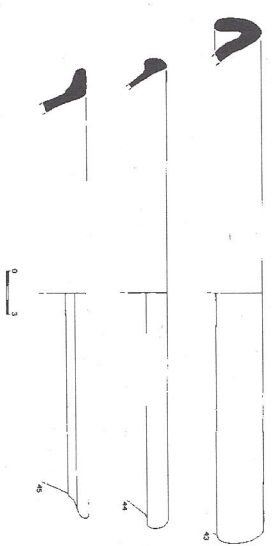


Fig. 10  
Alguidares



Fig. 11

46-47: Caçarolas; 48: prato; 49-50:  
Fogareiros; 51: Forma indeterminada



Apresenta-se, ainda, um gargalo, de forma cilíndrica, cujo topo está fracturado. Um regador ou um fundo estreito poderão ser algumas hipóteses para a sua identificação (fig. 11.51). No todo, este conjunto cerâmico aponta para uma cronologia de séc. xvii. De facto, existe um pequeno grupo de panelas com semelhanças morfológicas com as recolhidas em contextos dos finais do séc. xv, inícios do séc. xvi, o que não impede a perduração destes recipientes no tempo. Tanto os alguidares como os fogareiros são formas cerâmicas que podem enquadrar-se nesta cronologia. Em escavação, foram recolhidos três fragmentos de azulejo que, apesar do seu estado fragmentado, parecem integrar-se numa cronologia do séc. xviii. Foram, igualmente, recolhidos alguns fragmentos de faiança mas, dado o reduzido tamanho dos fragmentos, não é possível reconstituir formas nem motivos decorativos.

À semelhança do Convento de Nossa Senhora da Conceição da Província da Arrábida, em Palmela, as cerâmicas recolhidas na sequência do derrube do muro de limite da Quinta do Conventinho poderão corresponder a um despejo para suporte do mesmo. Não se encontrou a continuação das concentrações cerâmicas nas sondagens efectuadas junto a esse muro e detectou-se o substrato geológico a uma cota consideravelmente superior à daquelas. A cerâmica recolhida em escavação enquadra-se, igualmente, numa cronologia de séc. xvii, embora os fragmentos de azulejo apontem para um período mais tardio. Os dados parecem, pois, apontar para a utilização deste espaço da Quinta como local de despejo de lixo doméstico, o qual terá sofrido, de certo, vários aterros relacionados com as diversas remodelações realizadas na mesma.

\*Arqueóloga – Museu Municipal de  
Loures

\*\*Arqueóloga – Instituto Português de  
Arqueologia

## Bibliografia

- ASSUNÇÃO, Ana Paula, 1996, "Subsídios para a História da Feira em Loures", in *Pelas Ruas e Lugares de Loures*. Ed. Museu Municipal de Loures, D.P.C., D.S.C., pp. 31-74.
- ASSUNÇÃO, Ana Paula, 1997, "Loures, de termo a cidade. A memória dos livros" in *Memórias de Loures. Subsídios para a História da Freguesia*. Junta de Freguesia de Loures, pp. 9-57.
- ASSUNÇÃO, Ana Paula, INÁCIO, Albertina, 1998, *De Conventinho, a quinta: o novo Museu Municipal de Loures. Quinta do Conventinho*, Ed. C. M. Loures, D.P.C., D.S.C., M. M. Loures, pp. 5-20.
- AZEVEDO, Carlos de, FERRÃO, Julieta, GUSMÃO, Adriano de, 1983, *Monumentos e edifícios notáveis do concelho de Loures*. C. M. Loures, p. 22.
- CARDOSO, Guilherme, RODRIGUES, Severino, 1991, "Alguns tipos de cerâmica dos séculos XI a XVI encontrados em Cascais", in *A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental*, Lisboa, 16-22 de Novembro de 1987, Campo Arqueológico de Mértola, pp. 575-585.
- DIOGO, A.M. Dias, TRINDADE, Laura, 1998, "Intervenção arqueológica na Rua João do Outeiro, nº 36/44, na Mouraria, em Lisboa", in *Actas das 2<sup>as</sup> Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*, C. M. Tondela, pp. 257-265.
- FERNANDES, Isabel Cristina F., CARVALHO, A. Rafael, 1998, "Conjuntos cerâmicos Pós-Medievais de Palmela", in *Actas das 2<sup>as</sup> Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*, C. M. de Tondela, pp. 211-255.
- FERRERA, Manuela Almeida, 1994, "Vidro e cerâmica da Idade Moderna no Convento de Cristo", in *Mare Liberum*, nº 8, C.N.C.D.P., pp. 117-200.
- INÁCIO, Albertina, SOUSA, Francisco, FERREIRA, Miguel S., 1995, "Loures a preto e branco" in *Loures a preto e branco*. Ed. Museu Municipal de Loures, Div. Património Cultural, Dep. Sócio-Cultural, pp. 45-48.
- LEAL, Joaquim J. da Silva Mendes, 1909, *Admirável Igreja Matriz de Loures*, Lisboa, pp. 148-165.
- NEVES, Vítor M. L. Pereira, 1997, *O Convento dos Capuchos*, Sintra, pp. 20-27.
- OSÓRIO, M. I. N. A. P., SILVA, A. M. S. P., 1988, "Cerâmicas vidradas da época moderna no Porto", in *Actas das 2<sup>as</sup> Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*, C. M. Tondela, pp. 283-314.
- PROENÇA, P. Álvaro, 1940, *Subsídios para a História do concelho de Loures*, I volume (Loures), pp. 55-59.
- REGO, Miguel, MÁCIAS, Santiago, 1993, "Cerâmicas do séc. XVII do Convento de Santa Clara (Moura)", in *Arqueologia Medieval*, 3, *Campo Arqueológico de Mértola*, Ed. Afrontamento, pp. 147-160.
- SIMÕES, J. M. S., 1979, *Azulejaria em Portugal no séc. XVIII*, Lisboa, pp. 293-4.

## Património edificado

### do concelho de Loures

Ana Cristina Oliveira\*

Ana Raquel Silva\*

Florbela Estêvão\*

O estudo  
portante a  
a investig  
Todos ten  
quer da a  
remontar  
norte a s  
excepção  
Não é o  
carácter  
dirados n  
do noss  
gião que  
concelho  
medieval  
Inventar  
uma et



